CORRA, QUE O FUTURO LOGO VEM: A IMPORTÂNCIA DE ENTENDER A INTEGRAÇÃO ENTRE O MODERNO E O TRADICIONAL DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Yasmim Karolayne Silva de Brito
Gerlando Rodrigues de Lima
[1] Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. E–mail: ybrito661@gmail.com.
[2] Professor orientador. Doutorando em Geociências pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E–mail: gerlando.rodrigueslima@ufpe.br.

INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias nas diferentes dimensões da vida social torna a inclusão digital uma questão relevante para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para os estudantes dessa modalidade, a aproximação com ferramentas digitais pode representar oportunidades de aprendizagem, comunicação e participação social, mas também pode despertar insegurança diante de recursos e linguagens em constante transformação. A EJA, conforme a Lei nº 9.394/1996, destina–se às pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria (BRASIL, 1996). Trata–se, portanto, de um público com trajetórias, experiências e necessidades diversas, que requer práticas pedagógicas contextualizadas.

A perspectiva de Paulo Freire contribui para compreender o educando como sujeito ativo na construção do conhecimento, valorizando o diálogo, a experiência e a leitura crítica do mundo (FREIRE, 1996). No contexto da cultura digital, essa compreensão implica reconhecer os saberes que os estudantes já possuem e criar condições para que ampliem sua autonomia, sem tratar a tecnologia como finalidade em si mesma. Castells (1999) destaca a centralidade das redes de informação na organização da sociedade contemporânea, o que reforça a importância de oferecer oportunidades para compreender e utilizar criticamente os recursos tecnológicos.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo relatar e discutir uma ação extensionista desenvolvida com uma turma da EJA, voltada à compreensão da integração entre tecnologias tradicionais e modernas. A proposta buscou relacionar marcos históricos da evolução tecnológica ao cotidiano dos participantes, estimular a reflexão sobre os receios associados às inovações e promover atividades acessíveis, participativas e lúdicas.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza–se como relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito de uma ação extensionista do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), na

Escola Municipal Rozemar de Macedo Lima, localizada em Recife-PE. Antes da intervenção, foram realizadas visitas à instituição e conversas com a direção e professoras, com a finalidade de conhecer o contexto da turma, identificar necessidades de aprendizagem e observar os recursos tecnológicos utilizados no ambiente escolar.

A intervenção foi organizada em dois encontros temáticos. O primeiro abordou tecnologias tradicionais e seus marcos históricos, por meio de vídeo educativo, apresentação de um pergaminho ilustrado e diálogo com os estudantes. Foram discutidos exemplos como o domínio do fogo, a roda, a imprensa, a Revolução Industrial, a lâmpada elétrica e o avião. Para estimular a participação, utilizou-se uma dinâmica com placas coloridas — verde para "sim", amarelo para "talvez" e vermelho para "não" — a partir de perguntas sobre experiências, dúvidas e inseguranças no uso da tecnologia. Também foi proposta uma reflexão com espelho, convidando os participantes a reconhecerem a própria capacidade de superar receios.

O segundo encontro concentrou-se nas tecnologias modernas e em possibilidades futuras. Foram apresentados recursos e temas relacionados à televisão, ao telefone, ao computador, à internet, ao Wi-Fi, às redes sociais e à inteligência artificial. Um caderno de atividades foi utilizado como apoio e adaptação pedagógica. A programação incluiu uma atividade de dança inspirada em conteúdo popular do TikTok e uma dinâmica de perguntas e respostas ("torta na cara"), com premiação simbólica. Os registros da experiência incluíram observações da participação, diálogos e respostas dos estudantes às questões propostas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão digital na EJA precisa considerar as condições concretas de vida dos estudantes e as diferentes relações que estabelecem com os meios tecnológicos. A familiaridade com práticas tradicionais, o acesso desigual a equipamentos e a insegurança diante de novidades podem interferir na participação. Por isso, a mediação docente deve acolher as experiências dos educandos e propor situações de aprendizagem que façam sentido para seu cotidiano. A educação problematizadora defendida por Freire (1996) oferece fundamentos para uma prática baseada no diálogo e na valorização dos sujeitos, em vez da simples transmissão de informações.

A tecnologia, quando integrada a objetivos pedagógicos claros, pode ampliar as formas de acesso à informação e favorecer a interação. Entretanto, sua presença não garante, por si só, aprendizagem ou inclusão. É necessário que os recursos sejam acompanhados de estratégias didáticas adequadas,

acessibilidade e apoio aos estudantes. Essa compreensão orientou a escolha de materiais visuais, explicações dialogadas e dinâmicas diversificadas durante a ação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o primeiro encontro, os estudantes demonstraram interesse pela abordagem histórica, embora tenham sido observadas dificuldades para relacionar alguns acontecimentos e compreender a amplitude das transformações tecnológicas. O vídeo e o pergaminho ilustrado favoreceram a contextualização dos conteúdos e serviram de ponto de partida para relatos e perguntas. A dinâmica das placas permitiu identificar percepções sobre o uso da tecnologia e criou oportunidades para que os participantes expressassem dúvidas e receios. A atividade do espelho reforçou a mensagem de que a aprendizagem pode ocorrer em diferentes momentos da vida.

No segundo encontro, os temas ligados à internet e às redes sociais despertaram participação expressiva, por estarem mais próximos das experiências cotidianas dos estudantes. A dança e a dinâmica de perguntas e respostas contribuíram para um ambiente descontraído e colaborativo. A participação da equipe escolar também foi observada durante as atividades. O uso do caderno de apoio e a adaptação das propostas buscaram favorecer o envolvimento de estudantes com diferentes necessidades, incluindo participantes com deficiência e estudantes neurodivergentes, conforme as características relatadas no planejamento da ação.

As respostas registradas no questionário indicaram que 84% dos participantes afirmaram já ter se sentido inseguros ao utilizar tecnologias; 8% responderam “talvez” e 8% “não”. Sobre a possibilidade de a tecnologia contribuir para a aprendizagem, 92% responderam “sim” e 8% “talvez”. Em outra questão, 76% relataram sentir-se inseguros diante das mudanças e da adaptação às novas tecnologias, enquanto 20% indicaram sentir-se confortáveis. Os dados apontam uma coexistência entre o reconhecimento do potencial educativo dos recursos digitais e a insegurança para utilizá-los. Registra-se que os percentuais foram transcritos dos resultados apresentados no relatório da ação; em uma das questões sobre experiências negativas, os percentuais descritos no documento não totalizam 100%, razão pela qual esse dado não foi utilizado nesta síntese.

Os achados reforçam que a inclusão digital na EJA não se resume à apresentação de dispositivos ou aplicativos. Ela exige escuta, mediação, tempo para experimentação e propostas que relacionem o conhecimento tecnológico às vivências dos estudantes. A sequência que partiu de tecnologias históricas para chegar a recursos atuais ajudou a demonstrar que as inovações são construídas

ao longo do tempo e que os sujeitos podem aprender a participar dessas transformações. Ao mesmo tempo, as dificuldades observadas indicam a necessidade de continuidade das ações e de apoio pedagógico sistemático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação extensionista possibilitou trabalhar a evolução tecnológica de forma contextualizada, articulando passado, presente e perspectivas futuras com as experiências dos estudantes da EJA. Os recursos visuais, o diálogo e as dinâmicas lúdicas favoreceram a participação e permitiram identificar tanto o interesse pela tecnologia quanto os receios relacionados ao seu uso. Os dados levantados evidenciaram que, embora a maioria reconheça a contribuição dos recursos tecnológicos para a aprendizagem, uma parcela expressiva ainda relata insegurança diante das mudanças digitais.

Conclui-se que práticas inclusivas na EJA devem respeitar os diferentes ritmos e trajetórias, valorizar os conhecimentos prévios e oferecer oportunidades concretas de experimentação. A tecnologia precisa ser compreendida como instrumento de aprendizagem, autonomia e participação social, com acompanhamento docente e estratégias acessíveis. Como desdobramento, recomenda-se a continuidade de oficinas práticas e de ações formativas que apoiem estudantes e educadores no uso crítico e seguro das tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Inclusão digital; Tecnologia; Prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.